

Do Diário de um Esquizofrênico

Aderbal Sales

Antes de ser internado no “HOSPITAL PSIQUIÁTRICO SÃO JUDAS TADEU”, a minha vida era um deserto emocional e no abandono de minha solidão eu vivia com os meus sonhos num mundo de fantasia irreal e imaginário.

Evadia-me da vida, refugiando-me dentro de mim mesmo e o receio de perder-me no Outro levava-me a introjetar-me como um caramujo humano amedrontado, a fim de proteger-me, curtindo as minhas ilusões e os meus desenganos.

Sentia-me um desconhecido, um ausente para todos num lar sem alma e sem amor.

Na insônia das minhas noites de angústia e ansiedade, esperando o alvorecer de um dia que tardava em vir, as horas passavam sem pressa, lentas, indiferentes, à inquietude nervosa do meu sofrimento.

Eu renascia, no entanto, com o surgir do sol dissipando todas as sombras, quando tudo ainda era quietude nos corredores silenciosos e desertos do Hospital.

E na sua dolorosa realidade compreendi, então, a verdade profunda e sombria como um abismo sem luz, que “o maior deserto é uma casa deserta, sem afeição e amor”.

E numa auto-análise à procura da verdade, convenci-me, embora tardiamente, que não eram as dificuldades que o homem encontra na luta pela vida, o fracasso do seu esforço,

às vezes, mal orientado, sonhos e ideais não realizados, frustrações, mas o desencanto destas situações interpessoais de conflito, esse egoísmo e essa incompreensão de duas vidas vazias obrigadas a viver em comum, que condicionando esse estado psicológico-emocional, criam as condições que mais cedo ou mais tarde poderão levar à loucura, ao suicídio ou à morte.

É este drama obscuro, ignorado por quase todos e raros percebem a não ser superficialmente, os que convivem conosco, que destrói em angústia, dor e pranto a nossa vida.

O louco é inconscientemente feliz porque nunca se sente só.

Vive o seu inconsciente rico de fantasia, paradoxalmente fugindo de si mesmo com medo dos Outros.

A sua imaginação cria os seus fantasmas para dar realidade à sua existência inútil.

Em sua casa tão cheia de compreensão humana e a amor, a minha solidão desapareceu como uma sombra que se desfaz ao sol e o silêncio se encheu de sons e harmonia.

Senti-me feliz porque a felicidade daqueles que me cercavam em bondade, atenção e carinho se fez também, não sei se por auto-sugestão, a minha felicidade, deixando-me de ser Só.

Encontrei-me comigo mesmo, reencontrando-me com os Outros.

Os fantasmas que povoavam o meu mundo interior desapareceram e deixei de sonhar para viver a vida real de todos os dias com as suas esperanças, tristezas e alegrias.

Esta felicidade, no entanto, foi tão curta e passageira que ainda duvido se ela existiu.

E retornei à minha solidão cada vez mais triste e Só, único refúgio para o meu desencanto, onde só encontrei os mesmos fantasmas que antes me perseguiam, agora com receio que volte de novo para com os outros que deixei e sentir mais uma vez a felicidade que perdi.

A coerção da família, pouco manifesta, às vezes, é mais nociva à origem da doença mental, do que mesmo a sociedade, porque quando os laços que a unem e congregam em com-

preensão, renúncia e amor se desfazem e desagregam-se, fica apenas o resíduo amargo de duas vidas sacrificadas, que nem mesmo as aparências convencionais de uma pseudomutualidade conseguem encobrir a sua amargura e o seu sofrimento.

A solidão é como o vazio de um túmulo onde nada existe a não ser o silêncio espesso, turvo e sombrio, que o esquizofrênico sempre ausente da realidade enriquece de sonhos para sobreviver feliz, dentro do mundo colorido que ele mesmo cria na embriaguez do seu onirismo delirante.

A esquizofrenia será o último ato de um drama que começou, na intimidade do lar ou geneticamente, antes mesmo da infância, para terminar no macromanicômio social?

Conceituá-la entre a família e a sociedade, exclusivamente, como querem Cooper, Esterson e outros, esquecendo-se da bioquímica do cérebro no segredo do metabolismo das aminas biogênicas, é recair no mesmo exagero das conclusões unilaterais e unívocas, porque a elucidação de sua etiologia ainda permanece uma interrogação.

A família e a sociedade podem tornar-se elementos coadjuvantes, precipitantes e determinantes, em parte, conforme as condições em que atuam, se encontrarem um organismo lábil, já predisposto psicossocial e hereditariamente, que estudos posteriores já divulgados e pesquisas de laboratório de alguns geneticistas deixam entrever.

Não estamos de acordo com Laing ao afirmar que esquizofrênica é a sociedade e não o indivíduo, mas com Claude Arfouilloux, quando sugere que a loucura é uma reação contingente à opressão que esmaga o indivíduo, vítima desses fatores imponderáveis, visíveis e invisíveis do meio social, compreendendo, ao mesmo tempo, a família e a sociedade com toda a sua alienante, múltipla e complexa estrutura, secularmente estratificada.

Antes que esquizofrênica, a família e a sociedade são esquizofrenogênicas.

Emocionalmente inseguro, "insegurança ontológica" de Laing, e psicologicamente imaturo, o esquizofrênico esquiv-

-se de tudo e de todos como se estivesse sempre fugindo dos outros.

Confuso ao expor o seu pensamento por dissociação ou desagregação do próprio pensamento, é lúcido, coerente e lógico nos seus argumentos, quando em remissão clínica da doença, o que se observa, às vezes, não raramente.

Introspectivo. Tímido. Fugidio. Amorfo.

O seu espírito bipartido oscila entre o Ser e o não Ser, apresentando duas faces distintas: uma voltada para dentro de si mesma, introjeta-se no seu mutismo inviolável e sagrado para sonhar e criar subjetivamente o seu mundo, (autismo), a outra, fria, indiferente, alheia, inexpressiva, olha sem ver o que a cerca porque perdeu “todo contato vital com a realidade”.

Ambivalente, negativista, contraditório, tem algo de um *clown* trágico de circo, dançando na corda bamba do trapézio de sua vida alienada, triste e sem sentido.

A organicidade psiquiátrica de Meynert, (1833/1893) — evoluiu para a psicologia analítica de Freud, (1856/1939), na busca vã do segredo da Esfinge.

Entre estes dois pólos equidistantes e antagônicos, a controvérsia continua sem solução.